

UM ESTUDO SOBRE CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E CONSCIÊNCIA DE CLASSE: O DESENVOLVIMENTO DAS NECESSIDADES E MOTIVOS EM MILITANTES DO MST

UN ESTUDIO SOBRE CONCIENCIA INDIVIDUAL Y CONCIENCIA DE CLASE: EL DESARROLLO DE NECESIDADES Y MOTIVOS EN MILITANTES DEL MST

A STUDY ABOUT INDIVIDUAL CONSCIOUSNESS AND CLASS CONSCIOUSNESS: THE DEVELOPMENT OF THE NEEDS AND MOTIVES OF MST MILITANTS

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v18i1.72031>

Marcela Pereira Rosa¹

Bernardo Parodi Svartman²

Resumo: O artigo tem como objetivo discutir as relações entre consciência individual e consciência de classe à luz do pensamento marxista e da Psicologia Histórico-Cultural. A discussão é parte de uma pesquisa de doutorado realizada com militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na qual foram realizadas entrevistas de história de vida. O texto apresenta um recorte dos resultados da investigação. Destacamos que o avanço no processo de consciência envolve o desenvolvimento e a reorganização da esfera motivacional dos(as) militantes, favorecendo o surgimento de novas necessidades e motivos de caráter coletivista e emancipatório e sua passagem à posição de motivos reitores; e que esta reorganização relaciona-se com as transformações da concepção de mundo dos sujeitos.

Palavras-chave: Consciência de classe. Motivos. Esfera motivacional. Psicologia Histórico-Cultural. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir la relación entre la conciencia individual y la conciencia de clase a la luz del pensamiento marxista y la psicología histórico-cultural. La discusión forma parte de un proyecto de investigación doctoral realizado con militantes del Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), en el que se realizaron entrevistas de historia de vida. El texto presenta un recorte de los resultados de la investigación. Destacamos que el avance en el proceso de conciencia implica el desarrollo y la reorganización de la esfera motivacional de los(as) militantes, lo que favorece el surgimiento de nuevas necesidades y motivos de carácter colectivista y emancipatorio y su transición a la posición de motivos rectores; y que esta reorganización se relaciona con las transformaciones en la concepción del mundo de los sujetos.

Palabras clave: Conciencia de clase. Motivos. Esfera motivacional. Psicología histórico-cultural. Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Abstract: This article aims to discuss the relationship between individual consciousness and class consciousness in light of Marxist thought and Historical-Cultural Psychology. The discussion is part of a doctoral research project conducted with activists from the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), in which life history interviews were conducted. The text presents a selection of the research results. We highlight that the advancement

in the process of consciousness involves the development and reorganization of the activists' motivational sphere, favoring the emergence of new needs and motives of a collectivist and emancipatory character and their transition to the position of guiding motives; and that this reorganization related to transformations in the subjects' worldview.

Keywords: Class consciousness. Motives. Motivational sphere. Historical-Cultural Psychology. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Introdução

Nos anos mais recentes, a crise estrutural do capital e a incapacidade organizativa da esquerda de orquestrar uma resposta de enfrentamento à altura das contradições do capitalismo contemporâneo têm sido acompanhadas da ascensão da extrema-direita e do avanço do neofascismo na América Latina e no mundo. Nosso continente desponta como palco de disputas imperialistas que, na busca pela expansão do capital, ampliam a exploração e aprofundam a condição de miséria de nossos povos. Avança a ofensiva imperialista que radicaliza a exploração sobre nosso continente, à exemplo dos recentes acontecimentos políticos na Venezuela neste início de 2026. A incursão militar dos Estados Unidos no país com a finalidade escancarada de roubo do petróleo venezuelano atualiza as estratégias colonialistas do imperialismo extrativista no século XXI e expõe o caráter dependente das economias latino-americanas.

Essa lógica destrutiva do capital, que relega boa parte da população das cidades à condição de miséria, avança a passos largos também sobre o campo. A questão agrária constitui-se como raiz estrutural e estruturante dos problemas enfrentados na América Latina e no Brasil. Toda a história da formação econômica e social latino-americana ancora-se nos mais de três séculos de colonização europeia em nossos países, os quais, desde os primórdios da invasão, colocaram a questão agrária no centro de nosso desenvolvimento como continente e como nação (Rosa, 2024). Como discutido por Mariátegui (2010), a questão da terra determina não apenas a dinâmica de vida daqueles que vivem no campo, mas, sobretudo, a organização política, econômica e cultural de nossos países. No Brasil, a elevada concentração de terras e a agricultura predatória do agronegócio são expressões de um sistema que funciona sobre as bases da necessidade de reprodução do capital e da contínua extração da mais-valia. Como aponta Marques (2025), o agronegócio tem sido responsável pela destruição e degradação sistemática da natureza. O ecocídio é inerente ao modelo agroexportador brasileiro, maior responsável pelo agravamento da crise climática, da aniquilação da biodiversidade, da crise sanitária pela poluição químico-industrial e da crescente desigualdade socioeconômica em nosso país.

Mais do que nunca se faz urgente a consolidação de uma via radical de luta que tenha como horizonte fundamental a abolição do modo de produção capitalista e a superação da sociedade de classes. Esta superação exige a ação organizada e consciente da classe trabalhadora. Como sabemos, nenhum sistema social morre por si mesmo e o socialismo não é um destino inevitável, mas uma possibilidade histórica e objetiva, cuja efetivação depende da ação revolucionária da classe trabalhadora. Daí que seja imprescindível apreender em toda a sua complexidade os determinantes do processo de consciência implicados no movimento desta ação (Rosa, 2022).

Este horizonte, em nosso entendimento, demanda a consolidação de uma aliança operário-camponesa. Compreendemos que o campesinato³, explorado e subjugado ao capital, é parte da classe trabalhadora que antagoniza com os latifundiários e capitalistas. Nesse sentido, a aliança operário-camponesa é uma das tarefas táticas na luta pela superação das estruturas sociais que produzem a desigualdade. O problema da consciência ganha aqui importância fundamental. As questões colocadas por Iasi (2011) nos parecem cada vez mais atuais: Por que a classe trabalhadora se coloca em uma posição política tão defensiva - ou mesmo imobilizada, acrescentamos nós - quando há uma manifestação cada vez mais evidente da contradição estrutural entre capital e trabalho? Por que nossa consciência de classe engatinha e encontra dificuldades enormes de alcançar a autonomia histórica necessária ao confronto com nosso inimigo de classe?

O árduo trabalho em prol da emancipação humana demanda, dentre tantos outros aspectos, uma compreensão teórica apropriada acerca dos processos de constituição da consciência. Como já dissera Lenin, sem teoria revolucionária não pode haver ação revolucionária. Daí que, inserida no quadro das condições subjetivas do processo revolucionário, a problemática da consciência apareça para nós como questão fundamental. Como discutiremos adiante, partimos da compreensão de que consciência individual e consciência de classe, por um lado, não são conceitos equivalentes e, por outro, não podem ser compreendidos em separado.

Tendo isso em vista demos início ao trabalho de pesquisa de doutorado do qual trata o presente texto, buscando explorar as relações entre a consciência individual e a consciência de classe. Tal tema já havia sido inicialmente explorado no importante trabalho de Almeida (2008), cuja investigação, de cunho teórico, objetivou analisar as contribuições de Vygotski na compreensão dos processos de formação da consciência de classe e da consciência individual. Buscando aprofundar a temática e dando sequência aos estudos que vínhamos desenvolvendo acerca do campesinato brasileiro, nossa pesquisa teve como objetivo principal compreender as relações entre o desenvolvimento da consciência individual e a consciência de classe em integrantes de movimentos sociais do campo. Como objetivos específicos, buscamos investigar quais eram as definições táticas e estratégicas e a práxis política do movimento social do qual os(as) participantes da pesquisa faziam parte; quais necessidades e motivos impulsionavam seu engajamento e atuação política no movimento social; e quais vivências foram determinantes em sua trajetória de militância.

A investigação teve seu aporte teórico na tradição marxista, em particular na Psicologia Histórico-Cultural, e no método do materialismo histórico e dialético. Como estratégia metodológica realizamos entrevistas de história de vida com cinco militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A inclusão de militantes deste movimento deu-se por entendermos que o MST desponta como o maior protagonista das lutas populares no campo nas últimas décadas, de tal modo que a discussão sobre a práxis política deste movimento social torna-se tema incontornável ao discutirmos a questão da luta de classes no campo brasileiro.

No presente artigo buscaremos apresentar uma síntese de parte dos resultados evidenciados na pesquisa, focando em um dos elementos que dizem respeito às relações entre o desenvolvimento da consciência individual e a consciência de classe: o desenvolvimento e reorganização das necessidades e motivos que compõem a esfera motivacional dos(as) militantes. Antes de apresentarmos as reflexões acerca de tais pontos, discutiremos teoricamente os conceitos de consciência de classe a partir da perspectiva marxista e de consciência individual a partir da Psicologia Histórico-Cultural e indicaremos os caminhos metodológicos seguidos na pesquisa em foco.

Com a discussão aqui apresentada esperamos contribuir, ainda que modestamente, com os estudos críticos que, fundamentados nas proposições de uma Psicologia Concreta, possam oferecer subsídios à compreensão das possibilidades e caminhos da superação de um sistema econômico e social profundamente desigual e desumano, que diariamente explora, expropria, extorque e oprime bilhões de trabalhadores e trabalhadoras (Rosa, 2022). Na esteira da produção dos(as) psicólogos e psicólogas soviéticos(as) que buscaram contribuir com a reconstrução científica da psicologia que se pautasse pelos interesses mais amplos da construção de um novo sujeito e de uma nova sociedade, compartilhamos do compromisso com a consolidação de uma psicologia que seja capaz de oferecer contribuições às reais necessidades de libertação e emancipação de nossa classe trabalhadora.

Consciência individual e consciência de classe: aspectos teóricos

A questão da consciência inscreve-se no quadro de uma velha problemática que toca os paradigmas do pensamento sociológico e psicológico: a relação entre indivíduo e sociedade. Tradicionalmente, nos diz Iasi (2006), a consciência é ora atribuída à dimensão pessoal e psicológica e, portanto, ao indivíduo; ora à dimensão social, à conformação de classe. Concordamos com o autor ao afirmar que a consciência é movimento. Nesse sentido, o problema insere-se nas mediações que ligam as determinações particulares e genéricas. A consciência de classe, portanto, não pode ser entendida como compreensão intelectual ou uma intencionalidade individual, mas como dinâmica objetiva e subjetiva da luta de classes.

Afastando-nos dos modelos analíticos hegemônicos da psicologia que fazem prevalecer o aspecto individual, compreendemos que o fenômeno da consciência deve estar inscrito no conjunto das relações que determinam o ser social da classe. Nesse sentido, buscamos recuperar as mediações dialéticas existentes entre objetividade e subjetividade e entre sociedade e indivíduo. A consciência de classe não pode ser entendida simplesmente em termos de fatores organizacionais e ideológicos da esfera política. Isolar a questão da consciência de classe da problemática complexa a que ela pertence objetivamente nos leva a um subjetivismo (Mészáros, 2008).

Como afirmara Mészáros (2008), não se pode entender o conceito de consciência em Marx sem entender sua visão de causalidade social. Ao mesmo tempo em que o conceito das “condições materiais de vida” ocupa, estrutural e geneticamente, uma posição essencial no sistema marxiano, tal

conceito não é capaz de explicar, por si só, as complexidades do próprio desenvolvimento social. A consciência, nesse sentido, é fundante da ação política transformadora da realidade, ao mesmo tempo em que é por ela fundada. Como tal, o fenômeno da consciência precisa ser compreendido a partir de uma perspectiva dialética, materialista e histórica que não a reduza a uma questão de ordem estritamente individual, nem estritamente social.

Concordamos com Iasi (1999; 2006), para quem a consciência deve ser compreendida na perspectiva marxista como um processo, desenvolvimento dialético que contém saltos e recuos no qual cada momento traz em si os elementos de sua superação. Esse processo não pode ser entendido de forma mecânica. A consciência da classe não reflete mecanicamente a condição do ser da classe ou, em outras palavras, sua posição objetiva na luta de classes. O processo de consciência de classe inclui momentos ou formas distintas de consciência: a *consciência alienada*, a *consciência de classe em-si* e a *consciência de classe para-si*. Assim, o desafio está em compreender as mediações particulares e genéricas da consciência de classe e não absolutizar cada um destes diferentes momentos.

Partindo das sínteses apresentada por Iasi (1999; 2006), compreendemos que a *consciência alienada* é a primeira forma de consciência da classe trabalhadora. Sua principal característica consiste em uma naturalização da realidade, uma forma imediata de consciência que desvincula os elementos componentes da visão de mundo do seu contexto e de sua história. Essa forma é a expressão da consciência da própria burguesia. Na conhecida citação d'*A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2007, p.47) afirmam:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. [...] As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação.

Na forma alienada da consciência, os(as) trabalhadores(as) pensam o mundo e a si mesmos a partir dos elementos que constituem a consciência da burguesia, o que tende a levá-los a um amoldamento à sociedade capitalista, ao invés de sua negação.

A *consciência de classe em-si*, por sua vez, indica o momento em que os(as) trabalhadores(as) tomam consciência de si mesmos enquanto classe e passam a organizar suas ações coletivamente no sentido da reivindicação de transformação das relações sociais. Exemplos clássicos da manifestação dessa forma de consciência são as lutas sindicais, as greves, as reivindicações por melhores salários ou os movimentos de luta pelos direitos das mulheres. Essa forma de consciência, contudo, também possui suas limitações e contradições, visto que os(as) trabalhadores(as) reivindicam melhorias no interior do próprio sistema capitalista e não a sua completa supressão (Iasi, 1999). Cabe frisar, como faz Santos Neto (2012), que embora Marx tenha observado os limites das lutas economicistas dos(as) trabalhadores(as) por melhorias salariais ou pela diminuição da jornada de trabalho, a importância dessas lutas na perspectiva da elevação da consciência era amplamente reconhecida pelo autor. As greves e as coalizões parciais que reivindicam melhores salários podem servir como ponto de inflexão para o

desenvolvimento da consciência de classe para-si na medida em que a classe vai descobrindo a necessidade de mediações mais duradouras na luta contra os interesses da burguesia.

Na *consciência de classe para-si*, os(as) trabalhadores(as), para além de conceberem a si mesmos como um grupo com interesses próprios dentro da ordem capitalista, colocam-se diante da tarefa de superá-la. A ação política direta que colocam em curso a partir daí é, contudo, apenas o primeiro passo da tarefa que se impõe à classe trabalhadora no trajeto que ela deverá percorrer rumo à sua completa emancipação. A emancipação da classe trabalhadora é a libertação da sociedade de sua estrutura de classes, o que significa dissolver todas as classes, inclusive a sua própria. A classe para-si, portanto, implica uma universalidade autoconstituente, ou seja, uma oposição consciente não apenas à particularidade burguesa, mas a qualquer particularidade, inclusive aquela que acompanha as formas do poder político, mesmo que ele esteja nas mãos do proletariado. Enquanto classe universal o proletariado define-se, necessariamente, em termos de sua autoextinção enquanto classe particular (Mészáros, 2008). A verdadeira consciência de classe é, assim, fruto de uma dupla negação: “num primeiro momento o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital” (Iasi, 1999, p.38).

Todo esse processo da consciência de classe ocorre, necessariamente, de modo vinculado à ação prática da classe no contexto da luta de classes. Como lembra Lukács (2003), o proletariado enquanto classe só pode conquistar e conservar sua consciência de classe e elevar-se ao nível de sua tarefa histórica – objetivamente dada – no combate e na ação. Cabe enfatizar que o desenvolvimento da consciência não tem um caráter linear. A possibilidade que se abre não é apenas progressiva, no sentido da emancipação e da superação do estranhamento. Há uma possibilidade regressiva que se coloca no interior da progressividade, ou seja, é possível que, no caminho da emancipação, haja momentos de recuos e a emergência de novas objetivações alienantes (Iasi, 2006).

A consciência de classe, como afirmou Lukács (2003), está longe de ser estável ou de progredir segundo leis mecânicas. Ela é a consciência do próprio processo dialético; ela é igualmente um conceito dialético. Como aponta Iasi (2006), a dialética da práxis humana conduz o movimento da consciência em espiral e não em círculo. Nunca voltamos às formas passadas, mas encontramos elementos não superados em um novo patamar.

A consciência é movimento, é processo que se desenvolve na complexidade da produção material humana, das relações sociais, do fazer-se da luta de classes na história. Ela é, portanto, determinada e determinante do ser social, de sua constituição enquanto classe. A ação historicamente decisiva da classe como totalidade é também determinada por essa consciência, que, como bem enfatiza Lukács (2003), não equivale ao pensamento do indivíduo: a consciência de classe não é nem a soma, nem a média do que cada um dos indivíduos que formam a classe pensa, sentem, etc. Estas considerações tocam em um aspecto profundamente importante para a questão da consciência: o da relação entre a consciência de classe e a consciência individual dos sujeitos que compõem a classe.

Se, por um lado, consciência individual e consciência de classe não são conceitos equivalentes, por outro, tampouco podem ser compreendidos em separado. Concordamos com Iasi (1999) ao afirmar que a consciência de classe não se contrapõe à consciência individual, mas forma com ela uma unidade onde as diferentes particularidades de cada sujeito sintetizam um todo que corresponde à consciência de classe. Compreender esta unidade dialética implica também compreender em que consiste a consciência individual, tarefa que buscamos realizar tomando por base as definições da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vygotski. A compreensão materialista, histórica e dialética do desenvolvimento psíquico humano que fundamenta as ideias de Vygotski, nos permite apreender a consciência individual como essencialmente social e cultural.

Dentre os pressupostos mais básicos e centrais da teoria vygotskiana está o do caráter social e histórico do psiquismo. Nesta perspectiva, a consciência não pode ser pensada de forma independente do mundo, ao contrário, ela deve ser considerada como um caso particular da experiência social. Como afirma Vygotski (2013a), a vertente individual se constrói sobre a base do social, como derivada dele. O autor aponta para a sociedade, a história e a cultura como fundamentos da vida humana. Ao afirmar a postura monista, materialista e dialética como caminho possível para a construção de uma psicologia geral, Vygotski (2013b) aponta para a consciência como objeto da psicologia. Surge, então, um conceito de consciência que se constitui como alternativa à dicotomia entre subjetivo e objetivo (Toassa, 2006).

O desenvolvimento do psiquismo segue aquilo que Vygotski (2012a) chamou de *lei genética geral do desenvolvimento cultural*, segundo a qual as funções psíquicas são relações interiorizadas de ordem social e aparecem sempre em dois planos: primeiro no plano social e depois no plano psicológico. Ou seja, toda função psíquica aparece primeiro como categoria intersíquica e só depois se converte em intrapsíquica. As bases desse desenvolvimento estão, portanto, nas relações sociais, na realidade objetiva. Parafraseando Marx, Vygotski afirma: “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura” (2000, p.27).

Toassa (2004; 2006), ao buscar apreender o conceito de consciência na obra de Vygotski, revisa as ocorrências semânticas da palavra nos trabalhos produzidos pelo autor entre 1924 e 1934, identificando três acepções basilares. A primeira acepção refere-se à consciência como um processo e seu produto. O termo utilizado por Vygotski é o de *tomada de consciência* em relação ao meio, ao próprio eu (autoconsciência) ou às vivências subjetivas. Trata-se de uma relação ativa de compreensão ou conhecimento em relação ao meio social e não de uma percepção ou de um pensamento. A tomada de consciência acontece através da operação de um mecanismo psicológico, que constitui outra acepção do conceito. Nela a consciência aparece como um *sistema psicológico*, um tipo de mecanismo que ao se desenvolver resulta em variados graus de tomada de consciência, que integra sistemas novos e antigos de conduta.

Para Luria (1988), Vygotski considerava a consciência como um sistema estrutural com função semântica, em contínuo e gradual desenvolvimento. A consciência consiste, portanto, em um único

sistema, composto de todas as estruturas de conduta consciente, estruturas estas que, encaradas em si mesmas, podem ser tidas como sistemas específicos. Para Vygotski (2014), a consciência se desenvolve como um processo integral, modificando a cada nova etapa a sua estrutura e o vínculo entre as partes. Esta concepção do caráter sistêmico do psiquismo é um dos aspectos centrais na obra vygotskiana, como explicitado no texto *Sobre os sistemas psicológicos* (Vygotski, 2013c).

Para Toassa (2004) esse é o principal sentido do conceito de consciência em Vygotski: o de estrutura. Nesta acepção a consciência é concebida como um sistema único, composto por estruturas de conduta consciente ou, em outros termos, pelas funções psíquicas superiores, relações sociais internalizadas. A consciência é, portanto, uma estrutura composta de outras estruturas. Uma terceira acepção do conceito seria a de consciência como *atributo*, utilizada por Vygotski para qualificar diversas funções ou conteúdos psíquicos, como, por exemplo, memória consciente ou ato consciente.

Seguindo as indicações da autora acerca das acepções basilares do conceito de consciência existentes na obra vygotskiana, compreendemos a consciência individual como sistema psicológico formado por funções psíquicas superiores, estrutura cuja operação possibilita o movimento de tomada de consciência por parte dos indivíduos. Compreendida nesses termos, a consciência individual forma, junto à consciência de classe, a unidade dialética a que chamamos *processo de consciência* (Rosa, 2022). As proposições de Vygotski aqui assinaladas, muito longe de esgotar a temática, nos servem como ponto de partida para a compreensão da consciência individual, que, como já indicaram Almeida (2008) e Almeida, Abreu e Rossler (2011), oferecem importantes contribuições ao estudo da consciência de classe.

Metodologia

A tarefa de investigação, como nos ensinam os pressupostos marxistas, consiste na busca pela apreensão do objeto em sua essência. É necessário ter como horizonte a superação da aparência fenomênica, imediata e empírica. Desvelar os nexos existentes entre as dimensões singular, particular e universal é tarefa imprescindível nesse percurso. Em sua expressão singular, lembra Martins (2015), o fenômeno nos revela aquilo que ele é em sua imediaticidade, constituindo, portanto, o ponto de partida do conhecimento. Em sua expressão universal ele nos revela as suas mediações na relação com processos mais amplos e com a totalidade histórico-social.

Esse movimento de desvelamento dos nexos entre singular, particular e universal respalda a compreensão dos fenômenos em sua processualidade e totalidade. “É apenas pela análise dialética da relação entre o singular e o universal que se torna possível a construção do conhecimento concreto” (Martins, 2015, p.38). Em nosso entendimento, a realização de entrevistas de história de vida, instrumento metodológico adotado na presente investigação, apresenta-se como um dos caminhos possíveis em que esta relação pode ser expressa e apreendida.

As entrevistas de história de vida sintetizam aqueles elementos constituintes da mais autêntica singularidade do(a) entrevistado(a), edificados sempre através das mediações particulares e das

determinações universais. Na história singular de cada sujeito se fazem presentes, desde o pertencimento de classe e dos grupos dos quais se é parte, até os determinantes mais gerais com os quais nos deparamos cotidianamente – mesmo que nem sempre de forma consciente. Se inscrevem aí os elementos econômicos e políticos que regem a sociedade em que se vive. A narrativa é, pois, síntese dos elementos singulares, particulares e universais que a história de vida condensa e o depoimento oral pode expressar (Rosa, 2022).

A pesquisa foi realizada durante os anos de 2018 e 2022, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE 31968520.2.0000.5561). O grupo de participantes foi constituído por cinco militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tendo em vista a importância do MST na luta de classes no campo, acreditamos que trazê-lo para o horizonte desta investigação nos permite avançar na análise do processo de consciência do campesinato, na medida em que a práxis política do MST se constitui, a nosso ver, como expressão dos movimentos da consciência de um setor expressivo da classe camponesa politicamente organizada. Dos cinco participantes da pesquisa, um deles, Bezerra⁴ (56 anos), era assentado no interior do estado de São Paulo e os demais, Emiliano (48 anos), Maria (69 anos), Paulo (40 anos) e Bete (39 anos), residiam em um pré-assentamento no interior do estado do Paraná. Os critérios adotados para inclusão no grupo de participantes eram o de que tivessem mais de 18 anos, fossem militantes do MST e se constituíssem como lideranças em suas comunidades. Além disso, buscamos contemplar a inclusão de homens e mulheres.

A realização das entrevistas foi precedida pela etapa anterior de nossa aproximação com o MST a partir da participação em diferentes momentos de imersão e cursos em assentamentos do Movimento. Em uma destas ocasiões conhecemos Bezerra, que foi convidado a participar da pesquisa. A entrevista com ele foi realizada no mês de setembro de 2019. Havendo uma interrupção do trabalho de campo em virtude da pandemia de Covid-19, as demais entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e julho de 2021. Emiliano foi indicado como possível participante por um militante do MST do estado do Paraná com quem tínhamos contato pessoal e todos os demais participantes foram indicados pelo próprio Emiliano.

A participação na pesquisa ocorreu a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte dos(as) militantes. A entrevista iniciava-se com um convite aberto para que o(a) participante nos contasse sua história de vida. Conforme o depoimento avançava, fazíamos perguntas orientadas por um roteiro semiestruturado, organizado por blocos temáticos que incluíam a história familiar, escolar, profissional, de militância e de atuação no MST. Além disso, buscamos investigar as concepções relacionadas à luta pela terra, à reforma agrária, à conjuntura política e à sociedade capitalista. Seguindo as indicações de Beatón (2014) sobre a reconstrução da dinâmica histórica do desenvolvimento, buscamos apreender quais vivências foram fundamentais na trajetória militante de nossos(as) entrevistados(as) e em seu processo de consciência, com o intuito de desvelar como ocorreram, por que foram determinantes e quais os sentidos a elas atribuídos. Buscamos compreender

quais as motivações, intenções e estados afetivos aí envolvidos, tendo como propósito último, ainda que dentro dos limites possíveis, conhecer o processo singular de desenvolvimento de cada sujeito.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para posterior análise. Após a realização e transcrição de todas as entrevistas, organizamos o material de modo a apresentá-lo em formato de narrativa autobiográfica (Rosa, 2022, p. 127-246). Os textos foram entregues aos(as) respectivos(as) depoentes para leitura, solicitação de alterações e aprovação final para inclusão no trabalho.

A análise das entrevistas foi realizada com base nos fundamentos do materialismo histórico e dialético, tendo suas categorias de análise levantadas *a posteriori*, após leitura exaustiva do material. Dentre as principais categorias destacamos: vivência, trabalho, necessidades, motivos e sentidos. Partindo desta perspectiva, buscamos desvelar os nexos existentes entre as dimensões singulares, particulares e universais, a partir dos movimentos de abstração e concreção, que permitem ir do concreto real ao concreto pensado e superar a aparência fenomênica em direção à essência (Kosik, 1976; Paulo Netto, 2011). Parte dos resultados deste trabalho são discutidos nos próximos itens.

As necessidades como ponto de partida da práxis militante

A produção das variadas formas de consciência social ocorre no bojo de uma ampla e complexa teia de relações de produção da vida material. Como vimos, a análise marxista nos ensina que os fundamentos do processo de consciência são necessariamente sociais e históricos e assentam-se sobre as determinações objetivas. Tal afirmação, é preciso lembrar, não nos leva a um mecanicismo estéril, já que a concepção dialética nos coloca a compreensão dos determinantes fundamentais de qualquer fenômeno como determinantes determinados. O pressuposto da primazia ontológica do real não dispensa a dialética como fundamento. Ao contrário, caminha com ela.

Há, portanto, uma profunda historicidade dialética no movimento de tecitura da consciência como produto e como processo. O processo de consciência aparece como movimento que engendra as dimensões objetivas e subjetivas da sociabilidade humana. Na mesma medida em que os fundamentos objetivos conformam a constituição do processo de consciência e que o ser social da classe o determina, o processo de consciência passa a fundamentar a objetividade das relações sociais e a ser determinante do ser social e da ação da classe.

Como expressão do ser social da classe, a consciência de classe se apresenta como consciência social a ser internalizada pelo sujeito na sua individualidade, como já indicado por Almeida (2008). Ela incide sobre os movimentos de formação e desenvolvimento da consciência individual, não só através da apropriação dos elementos subjetivos que essa forma social engendra, mas também através de um movimento objetivo da práxis militante por ela conformada, a qual apresenta experiências múltiplas a serem vivenciadas na trajetória de cada sujeito. Da história social, a história singular retira sua seiva, para que, ao mesmo tempo, retorne a ela e passe também a influir sobre seus rumos. É nesse movimento que

cada história de vida revela os elementos particulares e universais concatenados em uma singularidade única e irrepetível.

Ao entendermos o processo de consciência como unidade entre a consciência de classe e a consciência individual, ele se torna expressão das relações que operam entre o singular, o particular e o universal. Nesse sentido, é preciso buscar compreender quais nexos conformam tal unidade e quais processos e mediações operam nas relações aí existentes. Longe de esgotar as explicações possíveis a esse respeito, buscamos apresentar alguns dos elementos que podem contribuir com tal tarefa.

Os caminhos curvos da trajetória militante repousam sobre um conjunto amplo e diverso de determinações. O que define em cada história aqueles passos decisivos no rumo do engajamento político? Os elementos aí presentes, ao mesmo tempo que podem ganhar matizes muito diversos nas vivências singulares do(a) caminhante, guardam também traços comuns de uma particularidade doída: a de sofrer as consequências da exploração e da opressão que a condição de classe nos impõe. O pertencimento objetivo a uma classe conforma uma determinada realidade, que cotidianamente coloca frente a nós necessidades específicas que atuam em conjunto com os motivos que movem nossa conduta.

Como discutem Bozhovich e Blagonadiezshina (1978), importantes continuadoras dos estudos de Vygotski, a conduta humana é movida por diversas necessidades e motivos que mantêm determinada interrelação. O conjunto de necessidades e motivos de caráter mais constante forma, no sujeito, o que chamamos de esfera motivacional. As *necessidades* podem ser entendidas como a falta que sentimos de algo indispensável à vida, seja em termos de nosso organismo ou de nós mesmos enquanto personalidade.

Na relação com o contexto social, o sujeito significa determinado objeto como algo possível de satisfazer suas necessidades. Esta unidade entre a necessidade e o objeto adquire força para impulsionar e mover a ação do sujeito e pode, portanto, ser compreendida como *motivo* de determinada atividade. Cabe enfatizar que as necessidades não se restringem àquelas de caráter natural e biológico, uma vez que no processo de desenvolvimento humano surgem as necessidades especificamente humanas, que devem ser compreendidas a partir de seu caráter histórico, cultural, social e político. O processo de configuração das necessidades em motivos ocorre no encontro do sujeito com a realidade social a ser significada. Podem constituir-se como motivos os objetos do mundo, as ideias, as representações, os sentimentos e as emoções, ou seja, tudo aquilo em que a necessidade se plasma (Bozhovich; Blagonadiezshina, 1978).

Esse conjunto pressupõe a existência de uma subordinação de motivos para que seja possível o surgimento de uma conduta orientada. Ou seja, entre aqueles motivos que atuam simultaneamente, um deles ou um grupo de motivos homogêneos deve destacar-se e ocupar uma posição dominante na situação. Este será o motivo que definirá o caráter e a tendência da conduta nesta situação. O motivo para a ação, diz Bozhovich (1978), parte sempre da necessidade. Os objetos exteriores estimulam a atividade apenas porque respondem a suas necessidades ou porque são capazes de atualizar uma necessidade já satisfeita em sua experiência anterior.

Novas necessidades podem surgir no decorrer do desenvolvimento do indivíduo à medida em que ele assimila novas formas de conduta e atividade, ao dominar os objetos da cultura. Como exemplifica Bozhovich (1978), depois de aprender a ler, muitas crianças desenvolvem a necessidade da leitura; se sabem escutar música, podem ter a necessidade de fazê-lo. O círculo de necessidades pode ampliar-se, cada uma pode evoluir para formas mais complexas, qualitativamente peculiares, e novas necessidades podem surgir. Além disso, evolui também a estrutura da esfera motivacional, ou seja, o desenvolvimento da correlação entre necessidades e motivos interatuantes.

Bozhovich (1976) parte da distinção apresentada por Leontiev acerca dos motivos geradores de sentido, ou motivos conhecidos, e os motivos-estímulo. Os primeiros dizem respeito àqueles motivos já conhecidos e que independem das situações circunstanciais. Já os motivos-estímulo são aqueles que estimulam a ação imediata, servindo de estímulo complementar. Esses últimos não mudam o sentido da atividade. Embora os motivos geradores de sentido tenham uma importância fundamental, eles podem ser pouco efetivos, demandando a existência de motivos complementares. O motivo, nesse caso, permanece conhecido, mas não induz à ação. Por exemplo, os motivos relacionados com a compreensão da necessidade do estudo para a futura profissão são extremamente débeis nas crianças escolares menores, por isso são indispensáveis motivos complementares que tenham relação com suas necessidades atuais. Isso não significa que a atividade dispensa a existência de motivos geradores de sentido. Ao contrário, sem eles a atividade pode tornar-se uma carga para o sujeito.

Tendo em vista a problemática da esfera motivacional, ao tomarmos como foco de nossa investigação o processo de consciência de militantes camponeses, cabe perguntar-nos quais são as necessidades e motivos que se encontram na base de sua conduta, sobretudo, no que toca à práxis militante. De quais necessidades parte o motivo para a ação? Os depoimentos de nossos militantes nos dão pistas imprescindíveis à compreensão da questão.

Os relatos nos mostram que o despojamento material e a expropriação são os andaimes sobre os quais a necessidade caminha no seu processo de formação e desenvolvimento. O campesinato brasileiro tem as origens de sua atual condição de massiva pobreza na histórica realidade de expulsão e expropriação de suas terras. Empurrados para as cidades ou obrigados às condições mais precárias de trabalho e moradia em troca da permanência no campo em chão alheio, os despossuídos da terra se deparam com as duras imposições de uma realidade que sequer garante as condições mínimas para a sua sobrevivência. O despojamento da própria condição de camponês(a), ou a ameaça dele, é fato determinante na história de todos(as) os(as) participantes da pesquisa.

Bezerra, Emiliano e Maria, por distintos motivos foram obrigados a deixar o campo, lugar de vida na infância para o qual desejavam retornar após várias experiências de trabalho na cidade durante a adolescência e vida adulta. Bezerra deixou a casa dos pais no interior de Minas Gerais ainda adolescente e partiu para o estado de São Paulo na esperança de encontrar melhores condições de trabalho e de vida, que lhe permitissem distanciar-se da pobreza da infância por ele narrada. Trabalhou nas safras de cana-de-açúcar e de laranja; ficou desempregado por um tempo, chegando a viver em situação de rua, até que

conseguiu trabalho em um haras. Mais tarde, obrigado à vida na cidade, trabalhou como operador de caldeira em uma usina de cana-de-açúcar e, em seguida, como vendedor de picolé e churros nas ruas da cidade.

Emiliano narra as memórias da infância no campo, de onde teve que sair. Quando o pai se aposentou, a família passou a morar em uma vila urbana empobrecida, cujos vizinhos, em sua maioria, também haviam sido impelidos a deixar o campo e viver na cidade. Trabalhou com leilões rurais promovidos por grandes pecuaristas ligados à União Democrática Ruralista (UDR) e na assessoria a políticos do município.

Maria e seus familiares se viram obrigados a sair das terras cedidas pelos padrinhos de seus pais, onde cresceram ela e os irmãos. Mudaram-se para as terras da avó, que não eram suficientes para atender toda a família, o que os obrigou a buscar trabalho na cidade. Ela se mudou para São Paulo, onde trabalhou como babá e secretária. Migrou outras vezes para Santa Catarina e depois para o Paraná. Trabalhou nas safras de batata e morango, em um restaurante, onde permaneceu por mais tempo, e em uma gráfica.

Bezerra, Emiliano e Maria são o retrato de um campesinato expulso da terra pelo desenfreado movimento do capital que, como parte de seu processo de expansão e acumulação, precisa fazer da terra propriedade privada a ser concentrada e explorada. Já Bete e Paulo, conseguiram garantir a permanência no campo, mas o lograram sob duras condições. No caso de Paulo, temos um fato não incomum nas famílias camponesas: o aumento da família a partir do casamento dos filhos já adultos faz com que a terra torne-se insuficiente para satisfazer a sobrevivência de todos, ameaçando a permanência no campo. Para Paulo essa permanência só foi possível através da venda da força de trabalho como boia-fria. Já a família de Bete sofreu o processo de expropriação pelo avanço do capital financeiro e perdeu suas terras para o banco. Permaneceram no campo alugando um pedaço de terra para morar e viver do cultivo de tabaco, em condições de intensa subjugação do trabalho às empresas fumageiras, inseridos no chamado sistema de integração.

Em ambos os casos a ameaça da expulsão do campo é premente frente às dificuldades para manterem-se vivendo na e da terra. Como ameaça para Bete e Paulo e como fato para Emiliano, Bezerra e Maria, a expulsão da terra soma-se às mais variadas formas de exploração e precarização do trabalho, impondo a dura condição de desigualdade a que está submetida a classe trabalhadora no capitalismo. Sob a égide do capital, as necessidades mais básicas do humano, como alimento e moradia, encontram as mais diversas dificuldades para a garantia de sua satisfação.

O processo de expropriação e exploração impossibilita à classe trabalhadora as condições que assegurem de forma incondicional a satisfação dessas necessidades. Frente à ameaça das condições de sobrevivência, nossos(as) militantes encontram na terra o objeto capaz de satisfazer suas necessidades e o engajamento na luta, através da entrada para o MST, passava a ser a mediação necessária para sua conquista, como nos indica a fala de Bete:

A gente ia pro acampamento ocupar porque era a única esperança de conseguir terra. Condição pra comprar a gente nunca ia ter. A gente alugava terra pra plantar fumo. Com o que ganhava no fumo já não tinha condição de alugar terra. Então foi uma chance de sobreviver, de mudar de vida. [...] A única esperança de conseguir um pedaço de terra pra sobreviver era pelo Movimento, pela organização (Trecho da entrevista de Bete).

A entrada para o MST e o início da militância ocorrem a partir de um conjunto de necessidades que, ao encontrar seu objeto de satisfação, impulsionam esse engajamento. Cabe apontar que, certamente, podemos encontrar militantes que passam a se organizar e a militar a partir de um processo anterior de tomada de consciência, que envolve, como discutiremos, um processo formativo educacional e político, que segue se desenvolvendo na práxis militante. No caso de todos(as) os(as) nossos(as) entrevistados(as), contudo, o processo de tomada de consciência que os(as) levou a tornarem-se militantes passou a ganhar corpo depois da própria entrada no MST, como vemos na fala de Emiliano: *“O que eu queria era só ter um pedaço de terra. Não queria ser dirigente, nem sei se queria ser militante. Mas a luta do dia-a-dia vai exigindo de cada um que vá se aprofundando, que vá se envolvendo mais. (...) Eu entrei pro Movimento porque queria um pedaço de terra. Pra eu ter meus cavalos e ensinar meus filhos a gostar de cavalo.”* (Trecho da entrevista de Emiliano). O mesmo indica o relato de Bezerra sobre sua ida para o acampamento: *“A visão era assim: eu vou ganhar uma terra, o INCRA tá dando terra, eu vou ganhar um pedaço de terra”* (Trecho da entrevista de Bezerra).

No caso de nossos(as) militantes, a participação no MST ocorre inicialmente pelo imperativo da conquista de um pedaço de terra quando se foi despojado dela ou quando se deparam com a iminência da expulsão. As necessidades que aí se plasman, vale lembrar, são de caráter histórico e social: a organização da sociedade de classes as impõe. A partir da entrada no MST outras experiências vão também despertando novos interesses, permitindo o surgimento de novas necessidades e motivos, transformando e reorganizando a esfera motivacional, como discutiremos adiante.

O processo de consciência e a reorganização da esfera motivacional

Como vimos, a esfera motivacional é formada por um conjunto de motivos e necessidades que se inter-relacionam. Lembremos também que esse conjunto pressupõe uma hierarquia de motivos: entre os motivos que atuam simultaneamente, um deles ou um grupo de motivos homogêneos ocupa uma posição dominante na situação. Durante nosso desenvolvimento novas necessidades e motivos surgem e seu conteúdo e hierarquia são transformados.

Esta proposição da subordinação de motivos é inicialmente apresentada por Leontiev, que aponta para a idade pré-escolar como aquela em que surge pela primeira vez o sistema de motivos subordinados. Para o autor, esta subordinação hierárquica de motivos começa a guiar o comportamento da criança e a determinar todo seu desenvolvimento. Contudo, para Bozhovich (1976), esta tese, em geral correta, deve ser complementada: nas crianças em idade pré-escolar não simplesmente surge a subordinação de motivos, que pode ser notada mesmo nos bebês – quando sentem fome, por exemplo,

todas as outras necessidades subordinam-se a este motivo dominante e ele começa a atuar em uma direção estritamente determinada. O que ocorre é que na idade pré-escolar surge uma subordinação mais ou menos estável de motivos, não situacional, e no topo da hierarquia colocam-se motivos especificamente humanos. Na criança pré-escolar os motivos são mediatizados, sobretudo, por modelos de conduta e atividade dos adultos, suas inter-relações e normas sociais fixadas nas correspondentes instâncias morais.

Na idade pré-escolar as normas sociais começam a atuar como poderosos motivos, que guiam a conduta e a atividade da criança. Por isso, muitas vezes, a criança pré-escolar consegue superar outros desejos e atuar segundo o motivo moral de dever. Isso é possível, não porque ela já sabe dirigir conscientemente sua conduta, mas sim porque seus sentimentos morais possuem uma força impulsiva maior, o que lhe permite vencer outros motivos em uma luta espontânea. Assim, o surgimento desta estrutura hierárquica relativamente estável de motivos converte o pré-escolar de um ser situacional, subordinado a estímulos e impulsos que atuam sobre ele de forma imediata, em um ser com uma determinada unidade e organização interna, capaz de guiar-se por aspirações e desejos estáveis (Bozhovich, 1976).

As transformações que ocorrem na hierarquia da esfera motivacional também ocorrem em função da formação da concepção de mundo do sujeito. Bozhovich (1976) aponta que em todo o curso do desenvolvimento psíquico, não variam apenas os processos e funções isoladas e não só os modos e mecanismos da conduta, mas também as forças impulsionadoras do desenvolvimento, ou seja, as necessidades, os interesses e as aspirações. O sistema de necessidades e aspirações organiza-se e integra-se ao redor da concepção de mundo.

Em seus estudos Vygotski não chega a debruçar-se sobre a concepção de mundo de modo mais aprofundado e não apresenta uma definição mais precisa do conceito. No tomo III de suas obras escolhidas, ele aponta para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo como objetos futuros de investigação, em um texto que fecha os capítulos sobre a história do desenvolvimento das funções psíquicas superiores e cujo título é, justamente, “Conclusões. Perspectivas futuras de pesquisa. Desenvolvimento da personalidade e da visão de mundo da criança” (tradução nossa). Nele, afirma o autor:

Para nós, a concepção de mundo abrange tudo aquilo que caracteriza a conduta global do homem, a relação cultural da criança com o mundo exterior. O animal carece de uma concepção de mundo assim entendida, e tampouco a possui uma criança recém-nascida. Nos primeiros anos de vida, às vezes até o período de maturação sexual, não existe na criança uma concepção de mundo no verdadeiro sentido da palavra (Vygotski, 2012b, p. 328, tradução nossa).

Chamamos atenção para o fato de que Vygotski inclui no conceito de concepção de mundo, a dimensão objetiva da atividade do sujeito no mundo, de sua relação cultural com a realidade. Portanto, compreendemos que não se trata apenas de uma representação a nível cognitivo, mas de uma relação ativa, objetiva e subjetiva, do sujeito com a realidade.

Na definição de Duarte (2015, p. 12),

A concepção de mundo, ou visão de mundo, é constituída por conhecimentos e posicionamentos valorativos acerca da vida, da sociedade, da natureza, das pessoas (incluindo-se a autoimagem) e das relações entre todos esses aspectos. [...] Esses elementos constitutivos da concepção de mundo não são necessariamente tomados pelo indivíduo como objetos de análise consciente. Eles podem coexistir na consciência individual de maneira espontânea, desarticulada e incoerente.

Nesse sentido, é necessário compreender a concepção de mundo como simultaneamente individual e coletiva, na medida em que ela possui características que correspondem à singularidade da vida de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que é constituída coletivamente, tanto em seus conteúdos quanto em suas formas. Outro aspecto definidor da concepção de mundo é seu grau de elaboração e sistematização, que pode variar de um nível mais elementar, como o senso comum, até o da consciência filosófica. As concepções de mundo apresentam, portanto, graus variados de consistência, coerência, profundidade e complexidade (Duarte, 2015; Saviani, 1996).

A dimensão da atitude incluída no conceito de concepção de mundo aparece também em Bozhovich (1976), que fala sobre a concepção de mundo ao tratar da assimilação dos conhecimentos na adolescência. A autora discute como a assimilação de novos conhecimentos pelo escolar nesse período, não apenas substitui os conhecimentos velhos, mas os reestrutura. Os conhecimentos escolares, ao serem elaborados na consciência do aluno, manifestam novas particularidades do sistema de pensamento e da personalidade. O caminho pode ser representado como um caminho que vai da percepção e compreensão do material docente até sua reelaboração ativa na consciência dos alunos e a transformação dos conhecimentos assimilados em uma conquista pessoal, ou seja, sua convicção. Afirmar a autora: “Disso se depreende claramente que uma verdadeira assimilação do conhecimento só se completa quando este se converte em parte da sua concepção de mundo, ou seja, quando mudam os pontos de vista do aluno acerca da realidade que o rodeia e a sua atitude perante ela” (1976, p. 246, tradução nossa). Nesse sentido, essa assimilação não é apenas um processo de ensino, mas um complexo processo de educação diretamente relacionado com a formação da personalidade.

A discussão apresentada pela autora nos parece fundamental, sobretudo na medida em que destaca a relação entre as mudanças na esfera motivacional, o processo educativo, a formação da concepção de mundo e o desenvolvimento da personalidade. A concepção de mundo é definida por ela como a elaboração dos próprios pontos de vista nos ramos da ciência, da vida social, da política e da moral. Essa formação da concepção de mundo na juventude ocorre graças ao domínio das formas conceituais de pensamento e à formação da aspiração à elaboração de pontos de vista e juízos independentes. Além disso, a formação da concepção de mundo também resulta da necessidade de autodeterminação que sentem os jovens, a necessidade de compreender aquilo que os rodeia e de compreenderem-se a si mesmos, de encontrar o sentido do que ocorre no mundo e o sentido de sua própria existência (Bozhovich, 1976).

Como discute a autora, sob influência da concepção de mundo, surge uma estrutura hierárquica suficientemente estável da esfera motivacional, em que os motivos relacionados aos pontos de vista e convicções, aos propósitos e decisões, fazem-se decisivos. Sob a influência da formação da

concepção de mundo, começamos a atuar de forma menos impulsiva, premeditando nossos atos, tomando decisões e atuando em concordância com os objetivos conscientemente propostos (Bozhovich, 1976).

A esfera motivacional é sempre complexa e multifacetada. A atividade não é impulsionada por um único motivo, mas por muitos motivos que se encontram em complexa dependência uns dos outros e em inter-relação com as necessidades. Em um dos trechos do depoimento de Emiliano podemos ver essa constituição da hierarquia de motivos e necessidades:

Eu não sabia como conseguir terra, eu achava que era trabalhando [para poder comprar]. Eu fui ver que não era trabalhando quando eu já tinha uns 18 anos. Com 18 anos me atraquei em estudar. Fiz CEEBJA, terminei e pensei: “Agora eu tenho que me organizar. Se eu quero terra e já sei como faz pra ter terra - ir pro Movimento - eu vou estudar técnico agrícola pra eu aprender a mexer com a terra”. Aí fui pro colégio agrícola. Estudei no Colégio Agrícola. Estudei pensando o seguinte: eu quero aprender a trabalhar na agricultura pra eu ser Sem Terra (Trecho da entrevista de Emiliano).

A necessidade da terra e a luta pela sua conquista passam a ser regentes na organização da conduta do militante, que tem seu interesse pela atividade de estudo despertado em função da futura possibilidade de trabalho na agricultura. A conquista da terra através da luta passa a ser o motivo reitor nesse momento. Essa organização da esfera motivacional está diretamente ligada ao desenvolvimento de sua concepção de mundo. A ideia de que é necessário trabalhar para poder comprar a terra é substituída, em suas concepções, pela compreensão de que se pode e se deve ocupar a terra para conquistá-la. Embora não seja nosso intuito aprofundar a discussão acerca deste aspecto no presente artigo, cabe enfatizar que esta mudança nas concepções do militante, por sua vez, são fruto de sua inserção em processos de formação política e de suas vivências em espaços coletivos de organização. Não se trata de uma transformação espontânea, de ordem estritamente subjetiva, que independe das condições sociais e objetivas das experiências que se apresentam ao sujeito.

Além disso, na trajetória de nossos(as) militantes, as necessidades que estão na base do engajamento na militância e que, inicialmente, eram de caráter estritamente individual, passam a ter um caráter coletivo. Como vimos, frente à ameaça de suas condições de sobrevivência no campo, os(as) participantes da pesquisa encontraram na terra o objeto capaz de satisfazer suas necessidades e o engajamento na luta, através da entrada para o MST, passa a ser a mediação necessária para a conquista do objeto. A partir das diversas vivências no MST, dos processos de formação política pelos quais passam, das ações coletivas nas quais se engajam, dos processos grupais dos quais participam, nossos(as) entrevistados(as) passam por um significativo processo de reorganização da esfera motivacional, tanto com o desenvolvimento de novos motivos, quanto com a re-subordinação de uns aos outros. Ampliam-se os motivos que impulsionam a atividade militante. Vejamos o relato de Bete:

Eu tinha um sonho de ter meu pedaço de terra, uma casa boa, um lugar pra eu plantar. Eu posso conseguir isso, realizei o que eu queria, o que eu pensava. Mas você vai caminhando, vai se transformando e vai vendo que não é só isso. E que se você parar nisso, você conseguiu o teu, mas e teus filhos e teus netos, como vão sobreviver? Se eu não continuar lutando pra nova geração, o que vai ser dela? (...) Eu acho que o que

faz as pessoas se engajarem na luta é a consciência da transformação. Se eu for assentada hoje e ficar aqui quietinha, não me mobilizar mais pra nada, acaba a luta. Você tem que ter um interesse, um amor por isso, estar lutando pelo bem do próximo, da geração que vem depois, pela transformação do mundo, da sociedade, pela mudança. Não adianta eu ficar aqui quieta. Do que vai valer a luta que eu tive e a vida que eu tive? É a mesma coisa que você remar, remar e morrer na praia (Trecho da entrevista de Bete).

O relato da militante nos coloca frente ao processo de constituição de novos motivos. Suas aspirações anteriores de caráter mais individual, como ter seu pedaço de terra e sua casa, não são abandonadas. Esses motivos continuam existindo. Mas, a partir dos processos que possibilitam as mudanças na concepção de mundo, eles vão sendo ressignificados, abrem espaço para novos motivos e são reorganizados na hierarquia da esfera motivacional. A busca pela conquista da terra e da reforma agrária, que antes tinha um caráter individual, ganha um sentido coletivo e passa a ser almejada também para outras pessoas e não só para si mesma. Junto a isso, aparece a busca pela transformação social como um novo motivo. Os objetivos defendidos pelo MST – terra, reforma agrária e transformação social –, nesse caso, tornam-se, de fato, motivos que passam a compor a esfera motivacional e a impulsionar sua conduta, orientando a atividade militante: *“Então você tem que ter consciência de que você quer mudar o conjunto de vivência, tanto da cidade como do campo. Tem que buscar mais união, mais fortalecimento. [...] A gente quer ensinar eles [jovens] que esse é o caminho: lutar por terra, por comida, por direitos iguais pra todos.”* (Trecho da entrevista de Bete).

Essa formação de novos motivos também fica explícita no relato de Bezerra, que entra para o Movimento inicialmente motivado pela conquista de um pedaço de terra e, posteriormente, a partir dos processos de formação política e outras vivências no MST, passa a ter sua atividade militante impulsionada também por novos motivos.

A minha visão era a de ganhar um pedaço de terra, de que o governo estava dando terra. Eu não tinha noção de que existia um movimento social por trás, de que tinha toda uma luta. [...] Mas logo que eu vim pro Movimento, eu percebi que tinha um movimento social forte e eu comecei a perceber que aquilo era muito importante. E aí eu comecei a militar [...] Aí foi meio que caindo a ficha que não era só lutar por um pedaço de terra, tinha que lutar por um monte de coisas. [...] Eu acho que não basta você ter as coisas. Pra você viver numa sociedade melhor, você precisa que os outros tenham também. Você precisa viver em uma sociedade mais igual, os direitos precisam ser pra todos (Trecho da entrevista de Bezerra).

No desenvolvimento do processo de consciência, os motivos podem reorganizar-se em função de um caráter mais pessoal e particular, por um lado, ou mais geral, por outro. Quanto mais a consciência avança e se distancia da consciência alienada, mais os motivos ganham um caráter geral, extrapolam a esfera das preocupações e necessidades pessoais e a esfera motivacional passa a ser reorganizada em função de motivos coletivistas na posição de motivos reitores. Bozhovich (1976), retomando Rubinstein, afirma que as formas mais elevadas dos motivos baseiam-se na consciência de uma pessoa acerca de seus deveres morais, das tarefas sociais que a vida coloca diante dela.

O relato de Maria também nos mostra esse distanciamento da perspectiva individual em direção a motivos de caráter mais coletivistas e emancipatórios:

Acho que o maior desafio desde que eu entrei pro Movimento foi a organização. Se organizar não é uma coisa fácil pra gente que tá acostumado a viver na individualidade. Toda vida vivi na individualidade. Depois de vir pra cá mudou. Porque a gente começa a pensar nos outros como uma comunidade. Agora, por exemplo, a gente estava discutindo aqui no grupo de base que nós temos que ter uma frente de trabalho que saia conquistar as coisas pra todo mundo. Senão sai um conquistar pra si, o outro pra si, o outro pra si e vai deixando de ser uma organização. O que é pra um, é pra todos. Senão vem a desigualdade, uns têm muito, outros têm pouco, outros não têm nada (Trecho da entrevista de Maria).

Em nossa compreensão, quanto mais o processo de consciência avança no sentido da consciência de classe para-si, maior a estabilidade dos motivos reitores de caráter coletivista e emancipatório. Isso porque, nesse caso, os motivos aparecem diretamente ligados aos valores que compõe a concepção de mundo dos sujeitos, a qual, como afirmou Bozhovich (1976), permite o surgimento de uma estrutura hierárquica suficientemente estável da esfera motivacional, em que são determinantes aqueles motivos relacionados aos pontos de vista e convicções. A conduta, nesse caso, passa a ser orientada e regida por objetivos coletivos que envolvem a superação da opressão vivida, não apenas por si mesmo(a), mas pela classe. Os exemplos a esse respeito também aparecem nos relatos de nossos depoentes quando Emiliano e Bete falam sobre a priorização das tarefas de militância em detrimento do trabalho no lote para a produção particular. São reuniões, encontros, viagens, atividades de formação e de ação política que acabam ganhando lugar prioritário na organização cotidiana dos(das) militantes, cuja conduta passa a ser orientada por motivos que ligam-se mais aos interesses coletivos da classe do que aos interesses privados de cada um.

É nessa reorganização da esfera motivacional que a atividade militante pode se configurar como central na vida dos militantes. A história de vida passa a ser também a história da militância, que orienta os rumos percorridos e dá sustentação aos cursos do trajeto. Na história de nossos(as) entrevistados(as), a entrada para o MST é fator de inúmeras transformações. No engajamento político as vivências militantes vão conformando novos sentidos, delineando novas ideias e valores, modificando a concepção de mundo, transformando velhas necessidades e consolidando novas, desenhando novos motivos e reorganizando os já existentes. O desenvolvimento do processo de consciência entrelaça-se às transformações na esfera motivacional, que orienta a conduta dos sujeitos sob novas bases ao consolidar a presença estável de motivos dominantes.

Cabe frisar que esse desenvolvimento e reorganização da esfera motivacional requer outros elementos para efetivar-se e liga-se a outros aspectos do processo de consciência, os quais, dados os limites do presente texto, apenas indicaremos, sem a pretensão de discuti-los com maior profundidade – como buscamos fazer em Rosa (2022). O primeiro aspecto indica que as vivências atuam como unidade funcional básica do processo de consciência.

Há vivências determinantes na trajetória de cada um dos sujeitos que conformam a base sobre e pela qual o processo de consciência avança. As vivências anteriores ao engajamento na militância conformam o conteúdo subjetivo já formado e desenvolvido no psiquismo até aquele momento. Sobre essa base as novas influências do meio cultural e social, no qual se incluem aquelas relacionadas à

militância, chegam ao sujeito, produzindo novas experiências, que serão vivenciadas e, por sua vez, estarão na base do desenvolvimento da consciência, em um movimento contínuo. Entendemos também que o conteúdo e a forma destas novas experiências que ocorrem no âmbito da atividade militante dependem diretamente do momento da consciência de classe refletida e engendrada na práxis política da organização da classe a que o sujeito se vincula – no caso de nossos(as) entrevistados(as), à práxis política do MST. A militância, com sua práxis política e seus espaços de formação, pode se constituir como ocasião para tomada de consciência, momentos e espaços nos quais a vivência se torna refletida coletivamente e incide sobre uma nova compreensão de si. Aqui opera outro elemento indispensável ao avanço no processo de consciência: as vivências em grupo.

Como discute Iasi (1999; 2006), o grupo possibilita o encontro com outros sujeitos que compartilham de um mesmo drama, permitindo o reconhecimento de nossa condição no outro e abrindo caminhos para a compreensão dos reais determinantes dos problemas vivenciados, situando-os na totalidade social e não apenas na vida individual e fragmentada de cada um. Assim, o encontro no grupo passa a ser o encontro com a genericidade humana, possível a partir do sentimento de pertença a ele e a uma classe. A superação de uma dada forma de consciência só pode ocorrer ligada à uma ação prática, a ação no grupo. Ao mesmo tempo, embora o grupo seja elemento indispensável ao avanço no processo de consciência, é preciso ter em vista que ele não é, por si só, suficiente para que esse avanço ocorra. É necessário que haja uma atividade educativa, intencionalmente organizada. Os processos educativos, portanto, configuram-se como outro elemento indispensável ao avanço do processo de consciência.

Os processos educativos exercem papel fundamental no desenvolvimento psíquico ao sintetizarem aquilo que a humanidade acumulou em todo o seu processo de desenvolvimento e ao possibilitarem aos sujeitos a apropriação desse acumulado histórico através do desenvolvimento de conceitos científicos. Tais processos devem possibilitar aos sujeitos a compreensão das determinações sociais e históricas de seus problemas. Esse aspecto envolve fundamentalmente a apropriação de conceitos científicos, que permite ao sujeito perceber as contradições existentes na realidade concreta, tomando conhecimento das leis e nexos que ela engendra e que a explicam no sentido de superar a percepção aparente, como já indicado por Almeida (2008).

A questão dos processos educativos e dos conceitos desenvolvidos ganha importância também, em relação à formação da concepção de mundo dos sujeitos, outro aspecto fundamental à compreensão do processo de consciência. A formação política, ao gerar processos educativos, possibilita aos militantes a apropriação de novos conceitos, permite a tomada de consciência das contradições e transforma a compreensão da realidade na qual se inserem. A partir disso, esses processos possibilitam a transformação da concepção de mundo dos militantes. A formação e as transformações que ocorrem na concepção de mundo, por sua vez, também reverberam nas transformações da esfera motivacional.

Por fim, destacamos que, embora o desenvolvimento do pensamento por conceitos e o papel dos processos educativos de formação política não tenham sido o foco de nossa discussão no presente artigo, em última instância, compreendemos que na ausência de tais processos, o desenvolvimento e a

reorganização da esfera motivacional que ocorre junto ao avanço da consciência de classe para-si, fica dificultado ou mesmo inviabilizado.

Considerações finais

Ancorado no materialismo histórico e dialético e na Psicologia Histórico-Cultural, o estudo do qual trata o presente artigo teve como objetivo compreender de que maneira ocorre o processo de desenvolvimento da consciência individual em sua relação com o processo de consciência de classe em integrantes de movimentos sociais do campo. Nos limites possíveis deste texto, optamos por dar destaque às transformações que ocorrem na esfera motivacional dos(as) militantes no decorrer do avanço do processo de consciência.

A partir das diversas vivências no MST, os(as) militantes passaram por um significativo processo de reorganização da esfera motivacional, tanto com o desenvolvimento de novos motivos, quanto com a re-subordinação de uns aos outros. A partir das diversas experiências pelas quais passam, o caráter coletivo de suas necessidades e as determinações históricas e sociais que as produzem vão ganhando corpo e transformam seu conteúdo. Podemos afirmar que quanto mais a consciência avança e se distancia da forma alienada, mais os motivos ganham um caráter geral, extrapolando a esfera das preocupações e necessidades pessoais e fazendo com que a esfera motivacional passe a ser reorganizada em função de motivos coletivistas e emancipatórios na posição de motivos reitores.

A aposta e a prioridade concedida pelos militantes aos projetos coletivos em detrimento dos projetos individuais nos revelaram uma concepção de mundo cujos valores se distanciam, em certa medida, do individualismo marcante das relações de nossa sociedade contemporânea. No avanço do processo de consciência, os valores de caráter individualista vão cedendo lugar a valores de orientação coletiva. A compreensão dos aspectos mais universais da exploração capitalista passa a compor as ideias manifestas na concepção de mundo dos sujeitos e seu caráter coletivista se expande, fundamentando os laços de solidariedade com a classe trabalhadora. Há uma qualidade genérica nesta concepção, fundamentada na mediação particular da consciência do pertencimento a uma mesma classe, que transpõem as fronteiras individuais e dos interesses próprios.

Os elementos que aqui buscamos sintetizar, embora longe de esgotar a temática, estão discutidos com maior profundidade na tese defendida (Rosa, 2022). Esperamos que, dentro dos limites possíveis, a discussão apresentada possa somar-se aos estudos que, fundamentados no marxismo e na Psicologia Concreta, buscam contribuir à compreensão científica dos processos envolvidos no longo trajeto de superação da hegemonia capitalista, que segue em expansão em sua rotineira dinâmica de sujeição do trabalho ao capital e da apropriação privada da riqueza socialmente produzida. Como disse Mészáros (2011), o significado mais profundo da concepção marxiana é a defesa apaixonada de uma mudança estrutural que afete diretamente a humanidade em sua totalidade. Nesse sentido, endossamos a defesa da necessária consolidação de uma ciência e uma psicologia concretas, que a partir das sólidas

bases do materialismo histórico e dialético, sejam capazes de compreender os fenômenos em sua essência e oferecer subsídios ao enfrentamento das contradições e da barbárie imperante na realidade contemporânea.

Referências:

ALMEIDA, M.R. **A relação entre a consciência individual e a consciência de classe:** uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2008.

ALMEIDA, M.R.; ABREU, C.B.M.; ROSSLER, J.H. contribuições de Vigotski para a análise da consciência de classe. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 551-560, 2011.

BEATÓN, G.A. El proceso de evaluación y diagnóstico en el diálogo y acción con lo histórico cultural. In: OLIVEIRA, A.A.S.; POKER, R.B.; OLIVEIRA, F.I.W.; MARTÍNEZ, Y.M. **Prácticas Pedagógicas en Educación Especial:** hacía una Escuela Inclusiva. Espanha: Servicios de Publicaciones, 2014, p.69-93.

BOZHOVICH, L. **El problema del desarrollo de la esfera motivacional en el niño.** In: BOZHOVICH, L. Estudio de la motivación de la conducta de los niños y adolescentes. Editorial Progreso: Moscou, 1978, p.9-41.

BOZHOVICH, L. **La personalidad y su formación en la edad infantil:** investigaciones psicológicas. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y educación, 1976.

BOZHOVICH, L.; BLAGONADIEZHINA, L. **Prefacio.** In: BOZHOVICH, L.; BLAGONADIEZHINA, L. Estudio de la motivación de la conducta de los niños y adolescentes. Editorial Progreso: Moscou, 1978, p.3-8.

DUARTE, N. A importância da concepção de mundo para a educação escolar: porque a Pedagogia Histórico-Crítica não endossa o silêncio de Wittgenstein. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v.7, n.8, p.8-25, 2015.

IASI, M.L. **Ensaio sobre consciência e emancipação.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

IASI, M.L. **Metamorfoses da consciência de classe:** o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

IASI, M.L. **Processo de consciência.** São Paulo: CVP, 1999.

KOSISK, K. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe:** estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LURIA, A. R. O cérebro humano e a atividade consciente. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988. p.191-228.

MARIÁTEGUI, J. C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARQUES, L. **Ecocídio:** por uma (agri)cultura da vida. São Paulo: Expressão Popular, 2025.

MARTINS, L.M. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. In: TULESKI, S.C.; CHAVES, M.; LEITE, H.A. (Orgs.). **Materialismo Histórico Dialético como fundamento da Psicologia Histórico-Cultural:** método e metodologia de pesquisa. Maringá: Eduem, 2015, p.29-42.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ROSA, M.P. **Campesinato e luta de classes**: um estudo psicológico sobre o processo de consciência. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

ROSA, M.P. Capitalismo dependente e questão agrária no Brasil: a exploração do trabalho nas lavouras de fumo. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 310-331, dez. 2024.

SANTOS NETO, A.B. Formação da consciência de classe em si e para si. In: BERTOLDO, E.; MOREIRA, L.A.; JIMENEZ, S. (Orgs.). **Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012, p.81-100.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Autores Associados, 11ª ed., 1996.

TOASSA, G. Conceito de consciência em Vigotski. **Psicologia USP**, São Paulo, n.17, v.2, p.59-83, 2006.

TOASSA, G. **Consciência e atividade**: Um estudo sobre (e para) a infância. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

VIGOTSKI, L.S. O Manuscrito de 1929. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, v.71, p.21-44, 2000.

VYGOTSKI, L.S. Conclusiones. Futuras vías de investigación. Desarrollo de la personalidad del niño y de su concepción del mundo. In: VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas – III**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2012b, p.327-340.

VYGOTSKI, L.S. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In: VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas I – El significado histórico de la crisis de la psicología**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2013b, 257-407.

VYGOTSKI, L.S. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas – III**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2012a, p.139-168.

VYGOTSKI, L.S. La conciencia como problema de la psicología de comportamiento. In: VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas - I**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2013a, p.39-60.

VYGOTSKI, L.S. Pensamiento y lenguaje. In: VYGOTSKI, L.S.. **Obras Escogidas - II**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2014, p.9-348.

VYGOTSKI, L.S. Sobre los sistemas psicológicos. In: VYGOTSKI, L.S.. **Obras Escogidas - I**. Madrid: Antonio Machado Libros, 2013c, p.71-94.

Notas

¹ Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Pesquisadora do grupo de pesquisa Psicologia e Educação na Perspectiva Histórico-Cultural (CNPq). Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7739159896283715>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7956-2759>. E- mail: mprosa@unicentro.br

²Doutor em Psicologia Social (USP). Professor do Instituto de Psicologia da USP. Pesquisador do GT de Psicologia Comunitária da Anpepp. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1400839530721009>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4607-5190>. E-mail: bernardo@usp.br

³ Incluímos entre o campesinato aqueles(as) trabalhadores(as) que vivem no e do campo: os(as) pequenos(as) proprietários(as) que fazem uso majoritariamente do trabalho familiar, podendo ou não fazer uso da contratação de mão-de-obra externa e da troca de trabalho; os(as) posseiros(as); os(as) meeiros(as); os(as) parceiros(as); os(as) arrendatários(as); os(as) agregados(as); os(as) foreiros(as). No caso dos(as) pequenos(as) proprietários(as) que contratam mão-de-obra, referimo-nos àquelas relações que não se configuram como relações capitalistas, visto que seu intuito não é o da exploração do trabalho alheio para a produção de mais-valia, mas o da complementação da força de trabalho necessária às atividades. Cabe destacar também que muitos(as) dos(as) trabalhadores(as) que fazem parte da classe camponesa estão em condição de semiproletarização. São os(as) trabalhadores(as) que, durante parte do ano dedicam-se à sua própria produção e, parte do ano vendem sua força de trabalho no campo ou na cidade. Para uma discussão mais detalhada acerca da compreensão de campesinato na perspectiva marxista e a concepção por nós adotada, conferir Rosa (2022, p.28-36).

⁴ Os nomes adotados são fictícios.

Recebido em: 21 de jan. 2026

Aprovado em: 21 de maio 2026